

## A VIAGEM DE JOÃO ANTONIO A CUBA: CARTAS E PAPÉIS DE ARQUIVO

Wagner Coriolano de Abreu

Universidade de Caxias do Sul

UNIRITTER

**Resumo:** A viagem de João Antônio a Cuba é aqui reconstituída por meio de sua correspondência (com Fábio Lucas, Mylton Severiano e José Ramón Rodrigues Neyra), de livros do escritor, de papéis do arquivo pessoal e de documentos fora do arquivo. A descrição da viagem é feita a partir de notas encontradas em cartas e notícias jornalísticas, sobretudo no depoimento concedido ao jornal *Letras & Artes*, em que o ficcionista preserva impressões de viagem e posiciona-se como crítico da cultura cubana. Por meio desta leitura, sob o pressuposto de que o passado deixou um rastro, estende-se uma ligação entre a viagem a Cuba e a viagem simbólica a países de língua espanhola, através da tradução de seus contos.

**Palavras-chave:** João Antônio; correspondência; Viagem a Cuba; arquivo.

**Abstract:** In this article, João Antonio's journey to Cuba is reconstituted according to his correspondence (letters to Fábio Lucas, Mylton Severiano and José Ramón Rodrigues Neyra), as well as books and papers found in his archives and out of them. His account of the travel was given to the newspaper *Letras & Artes*. There, Antonio preserves the impressions caused by the trip and positions himself as a critic of Cuban culture. Under the assumption that past might leave traces behind it, a link between the trip to Cuba and the symbolic journey to Spanish-speaking countries is extended through the translation of his short stories.

**Keywords:** João Antônio; correspondence; Travel to Cuba; archive

As cartas e os papeis aqui trazidos sintetizam a parte recortada de um arquivo pessoal, que por sua vez se inscreve parcialmente no Acervo João Antônio, moldado pelas intervenções (lastro multidisciplinar do trabalho) e pelos deslocamentos

decorrentes da mudança do âmbito privado para o público. Tomado como arquivo literário, o acervo apresenta caráter heterogêneo por seu fundo documental abranger documentos pessoais, biblioteca, móveis, virtualidades etc., mescla que impossibilita uma compreensão total de seu conjunto (cf. MARQUES, 2015: 11).

Em seu Acervo, guardada por João Antônio, uma página da *Folha da Tarde* informa que, em janeiro de 1987, ele viajaria a Havana na companhia do crítico Fábio Lucas, a fim de participar do júri do concurso literário Casa de las Américas. A matéria assinada por Wladir Dupont traz a transcrição das palavras do escritor, em face da viagem prestes a acontecer: “E sabe o que vou dizer aos cubanos? Que o Brasil tem a maior e mais rica literatura do continente, e que se ainda não sabem disso, azar de todos eles!” (DUPONT, 1986: 22). Sem entrar no mérito da comparação entre literaturas, importa aqui investigar a viagem a Cuba em documentos do arquivo pessoal preservado por uma ação familiar e em documentos fora do arquivo.

Refiro-me ao Acervo João Antônio, composto de correspondências, fotos, documentos firmados com editoras, recortes de jornal, originais das obras, hemeroteca, discografia, iconografia, móveis e outros objetos, que foi guardado por uma prima em seguida à morte do escritor e repassado à Universidade Estadual Paulista/Unesp, Campus de Assis.

A operação de deslocamento do arquivo pessoal para a Universidade, a partir de uma negociação entre as partes, do escritor e da Universidade, faz com que o arquivo ganhe vida pública. Ao deixar o âmbito doméstico, rumo à nova acomodação espacial de seus materiais, o arquivo experimenta complexos processos de desterritorialização e reterritorialização. Reinaldo Marques observa que “nesse deslocamento do espaço privado para o espaço público opera-se uma metamorfose por meio da qual o arquivo do escritor transforma-se em arquivo literário” (, 2015: 19).

De acordo com Izabel Neme, após a morte “seus pertences foram levados para o sítio de sua prima, em Jacarepaguá, onde permaneceram de 6 a 7 meses sob um galpão que, por ocasião de chuvas, ficava totalmente molhado” (NEME, 2005: 120). Posteriormente, por intermédio de antigo contato do escritor com a universidade, as 145 caixas com os pertences e alguns móveis foram depositados no campus

universitário de Assis e ficaram sob a guarda do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa/CEDAP.

Em 1998, após a transferência dos documentos, textos e objetos de propriedade do escritor João Antônio Ferreira Filho (1937 – 1996), o acervo passou “por um prévio levantamento de tipologia documental ali existente e uma breve avaliação das condições nas quais se encontravam a massa de documentos e seu estado de conservação” (NEME, 2005: 116). À época de seu mestrado, Jane Christina Pereira, em estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio, afirma que o contato com o acervo a “leva para o mundo do mistério e do maravilhoso, onde história e memória são os atores principais de um longa-metragem chamado arte. Habitar o passado se torna mais do que uma expressão metafórica quando nos situamos em meio a todo esse material” (PEREIRA, 2001: 21).

Em pesquisa junto ao Acervo João Antônio, obtive por meio de recortes de jornal e documentos impressos informações sobre a viagem do escritor a Cuba, dados que ampliam a reconstituição do período e sua movimentação por cidades cubanas, em viagem de trabalho, conforme registra a posteriori: “Fui a Cuba a trabalho, como jurado do prêmio Casa de las Américas, e não para fazer turismo. Foi um trabalho muito pesado, iniciado em Havana” (ANTÔNIO, 1987: 4). Igualmente, a viagem será abordada por meio das cartas que enviou a Fábio Lucas, do depoimento que concedeu ao jornal *Letras & Artes* de Brasília e de sua experiência de escritor como viajante, valendo-me substancialmente de documentos pertencentes ao acervo.

Sobre o entendimento de um acervo literário, Bordini adverte que “o escritor guarda de seu trabalho criativo aquilo que lhe parece útil para o futuro ou lembra alguma passagem significativa de uma elaboração passada”, mas “nem sempre suas escolhas quanto ao que será conservado lhe pertencem” (BORDINI, 2005: 17), podendo haver interferências alheias, dos herdeiros e até do arquivista.

Seguindo os rastros produzidos no processo de criação ficcional, na correspondência, no depoimento posterior à viagem, na recepção crítica da obra, o leitor encontra um roteiro, uma possibilidade de arranjo deste material ainda disperso, sabendo que “em face da multiplicidade de fios que se desenrolam para seu percurso

analítico, o pesquisador de acervos deve estar consciente, de antemão, da provisoriedade de sua análise se comparada a outras” (CURY, 1995: 55). Seu trabalho se assemelha ao de organizador de acervo, que no fortuito “vislumbra uma possibilidade de ressignificação” (BORDINI, 2005: 17), e lê o documento na relação que estabelece com outros documentos e pelas lacunas sentidas e pressentidas.

Este trabalho não apenas recorreu ao Acervo João Antônio, mas incorporou documentos de outros arquivos, como o de Fábio Lucas, materializado na edição das cartas recebidas do escritor, bem como de meu arquivo pessoal integrado por recortes de jornal, por um exemplar da revista *Casa de las Américas* e cópia da carta do diretor daquela Casa ao escritor, acrescido de uma coleção de livros de e sobre João Antônio. De modo diverso, Mylton Severiano também desvela documentos de arquivo, algumas cartas e papéis a ele enviados, com os quais reconstitui uma trajetória existencial e literária, em estilo biográfico.

Baliza importante para a recomposição da viagem se encontra na trajetória de João Antônio, quando das viagens ao exterior. Da viagem a Europa, em 1985, o escritor volta fortalecido, trazendo uma história que fará parte do livro de contos *Abraçado ao meu Rancor* (1986), lançado em seguida a seu retorno ao Brasil. Refiro ao conto “Amsterdã, ai”, cujo narrador se situa “na Holanda, investe-se do ponto de vista do estrangeiro. [...] O narrador procura na famosa cidade as personagens confinadas do submundo. E, entre espantos e novidades, descobre o Brasil, sua pátria” (LUCAS, 1987: 138).

João Antônio irá ainda mais uma vez ao continente europeu, com estada na Alemanha, em meados de 1987. A bem da verdade, cabe lembrar que as andanças do escritor são anteriores ao período dessas viagens internacionais. São conhecidas suas idas e vindas entre São Paulo e Rio de Janeiro. Sobre seus deslocamentos por diversas regiões do país, ele escreve a Fábio Lucas, no início dos anos 1990. Informa que continuava “viajando o país a convite de universidades – como faço desde 1976” (ANTÔNIO, 2004:120).

João Antônio agencia de modo consciente uma notícia de jornal, devidamente arquivada, de acordo com a qual, no segundo semestre de 1976, visitou mais de trinta

faculdades de Letras e Comunicação. Ademais, comenta que as viagens contribuíram para a ampliação do mercado de livros nacionais.

Posso dizer que este trabalho de divulgação, se pode ser chamado assim, foi um sucesso. Principalmente porque é uma área já semeada, com possibilidades, faltava apenas alguém forçar, começar a fazer, deixando de lado os atuais padrões de divulgação da cultura que estão, há muito, emperrados (ANTÔNIO, 1977: 29).

A viagem de Cuba – Havana e regiões da Ilha – aconteceu oficialmente no período de 24 de janeiro a 10 de fevereiro de 1987 (SEVERIANO, 2005: 174), mas devido a problemas de saúde o escritor permaneceu em solo cubano, internado no Pavilhão de Angiologia do Hospital Salvador Allende, por mais quinze dias. No total, ficou por um mês na Ilha. Na correspondência posterior a Fábio Lucas, informa que escreve “só um bilhete para lhe dizer que já estou no Rio. Estou bem. [...] Quase sofri uma cirurgia. Escapei por muito pouco, coisa incrível.” (ANTÔNIO, 2004: 102).

Acerca de lugares que percorreu na Ilha, há duas menções registradas em entrevista concedida meses depois de seu retorno ao Brasil:

Éramos 31 jurados de diversas repúblicas do Caribe, vários países da América Latina e fomos levados a Santi Spiritus, que fica a 400 km de Havana” e “eu viajei pelo interior de Cuba, estive em Trinidad, em Santa Clara, e não vi nenhuma criatura humana de pé no chão (ANTÔNIO, 1987: 4).

Antes de adentrar o arquivo literário (não raro tratado por acervo), como “espaço que abriga a produção viva que se resgata para a iluminação do presente” (CURY, 1995: 56), chamo atenção para a passagem do gesto seletivo, de colecionador, ao trabalho do estudioso, que busca encontrar “sob a aparente desconexão dos elementos que compõem um acervo ou um arquivo princípios geradores que dão vida, forma e ordem ao conjunto, mesmo que sempre provisórias e cambiáveis” (CURY, 1995: 61).

O Acervo João Antônio abre uma possibilidade de antever a relação do escritor com Cuba. Em visita recente, o pesquisador Júlio Cezar Bastoni da Silva recolheu dois documentos relacionados ao tema da viagem. O primeiro é um recorte do jornal *O Estado de São Paulo*, com chamada para inscrição ao Prêmio Casa das Américas:

Estão abertas as inscrições para o Prêmio Casa das Américas 1983, que neste ano receberá também obras de literatura brasileira que concorrem a um prêmio especial. Outros gêneros para os quais haverá categorias diferentes são romances, obras dramáticas, livros de testemunho, livros de ensaios sobre temas artísticos literários (todos em língua espanhola) e outro destinado à literatura caraíba em língua francesa ou nacional (PRÊMIOS, 1982:19).

O segundo documento constitui um regimento do concurso, com dezesseis itens, intitulado “Bases 1983 – Prêmio Casa das Américas”. Na introdução, registra-se a literatura brasileira como categoria, informação que recebe um complemento no item três, onde se lê que “os autores deverão enviar seus originais em espanhol, com exceção dos brasileiros, que o farão em português, e dos caraíbas de língua francesa, que o farão nesta ou na língua nacional” (CASA DE LAS AMÉRICAS, 1982).

Do interesse pelo Prêmio, em 1982, à indicação de seu nome para jurado na edição realizada em 1987, período em torno de quatro anos, os papéis de arquivo pouco revelam. Tampouco há registro em carta, depoimento ou crítica que possibilite preencher a lacuna ou apontar algum silêncio decorrente da perda material dessa memória. Incerta também é a situação de jurado, ocupada por João Antônio, quando consideramos as condições de trabalho, que foi volumoso para uma comissão pequena. Em resposta à entrevista concedida para o jornal *Letras & Artes*, ele explica que foi “um volume de originais imenso para examinar, de vários gêneros literários – de teatro até literatura infantil, passando por ensaio, romance e conto” (ANTÔNIO, 1987: 4).

Diante das incertezas, tomar o arquivo literário na perspectiva genealógica e arqueológica (DERRIDA, 2001; FOUCAULT, 1982; NIETZSCHE, 1998), desvela seu caráter heteróclito, o que favorece o exame da multiplicidade de discursos (teórico, crítico, ficcional, memorialista, biográfico, epistolar etc.) mobilizados em seu interior, e as contaminações de uns pelos outros (cf. MARQUES, 2007: 18).

É por meio dessa ideia de contaminação que a lacuna neste período pode ser investigada por meio de um rastro na obra publicada. Sob o pressuposto de que o passado deixou um rastro, indicando aqui, no espaço, e agora, no presente, “a passagem passada dos vivos” (RICOEUR, 1997: 201), a indicação das traduções de seus contos, proposta em lista ao final do livro *Sete Vezes Rua* (1996), constitui um

apoio para se preencher o vazio na história desta relação com Cuba. Pouco antes da viagem, o conto “Milagre chué” sai traduzido e publicado na edição de novembro/dezembro de 1986 da revista *Casa de las Américas*. “Milagro harapiento”, como fora traduzido por Manuel Rodriguez Ramos, retoma a história do conto publicado no livro *Dedo-duro*, em 1982.

A personagem Jacarandá, herói presente em histórias do escritor, é apresentada numa espécie de conto de fadas (LUCAS, 1993: ii). A linguagem reencena o jogo de variações no uso de palavras ou ideias: vida andeja, andança, aquele andaço do poeta do momento. Por outro lado, o escritor utiliza a gíria chué como recurso para dizer da vida escassa, reduzida a nada. Jacarandá – andarilho e morador de rua – sobrevive como camelô, mas nutre um sonho de riqueza e de um possível paradeiro.

A história de Jacarandá inicia por uma viração na barca de Niterói. Preso na proximidade do Convento de Santo Antônio, no Rio, ao sair da cadeia foge da cidade. No município de São Cristóvão consegue carona com uma transportadora, apelando para uma improvável visita a mãe e irmãos. Embarca na parte traseira do caminhão e dorme na viagem: “O cansaço de dias pernoitados em porta de igreja, em vão de escadaria e em soleira de edifício, baixou-lhe represado, de vez” (ANTÔNIO, 1982: 67). Acorda no norte do Paraná, em Londrina. Lembra que a cidade de terra roxa é lugar de fazer dinheiro. Em andança pela cidade, encontra-se com Picolo, um abonado desta vida, no bar Flag. Picolo, de modo fantástico, lança um desafio, dando-lhe cinquenta reais: pede a Jacarandá que converse com sua estrela madrinha para não mais ganhar dinheiro como produtor agrícola. Picolo ficou rico com o café, depois com a soja, com o gado, com o trigo e agora com o arroz. Jacarandá então encontra a fada, que informa não ser possível atender ao pedido do afilhado (clímax). Informa a Picolo a decisão da fada e ganha mais cinquenta na despedida do ricoço. O conto termina quando Jacarandá volta ao cafezal e invoca a própria estrela. Mas para ele aparece a estrela do azar, uma velha bruxa que o despacha com o dinheiro ganho e uma advertência: só ganhou aqueles cem porque ela estava dormindo.

A epígrafe inicial de “Milagre chué”, tomada a François Villon, funciona como um signo-texto: *Nada és más seguro que las cosas inciertas* (ANTÔNIO, 1986: 88).

Tomada pelo avesso, a afirmação do poeta reacende um sentido que percorre a obra ficcional de João Antônio, referente à vida ambulante das personagens, que transitam sem rumo certo (cf. ZILBERMAN, 1986). De acordo com o editorial da revista *Casa de las Américas*, a escolha de João Antônio tem a ver com um projeto acalentado pelos editores, durante muitos anos, de dedicar um número da revista ao Brasil, sendo que a entrega aparece por ocasião da retomada das “relações entre o grande país sul-americano e Cuba” (DURANTE MUCHOS años..., 1986: 3).

Reinaldo Marques considera uma dimensão pragmática do uso do arquivo literário, no tocante a sua presença dentro da Universidade, “contribuindo de modo decisivo para o aumento de pesquisas de fontes primárias e documentais da literatura” (2015: 67). Atuando como pesquisador que questiona a ordem, pelo que apresenta de arbitrário e convencional, e o documento, por ser objeto construído, encontrei dois equívocos arquivados, mas não encobertos. São meras imprecisões como previra Jacques Derrida, na conferência de 5 de junho de 1994: “Não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de imprecisão” (DERRIDA, 2001: 18).

No mês que antecede a chegada da revista, o jornalista Joel Silveira escreve sobre o vai e vem de João Antônio e suas viagens, dando uma notícia parcialmente correta, acompanhada de um equívoco. Informa que

João Antônio acaba de ser convidado por Roberto Retamar para jurado do Prêmio Internacional Literário Casa de las Américas, que acontecerá em janeiro e fevereiro do próximo ano. Enquanto isso, um conto seu, *Afinação da arte de chutar tampinhas*, estará sendo publicado em Havana. O conto já foi traduzido na Alemanha, Venezuela, Holanda e Tchecoslováquia. É uma das primeiras obras do autor, já que ele a escreveu quando tinha apenas 21 anos – em 1958 (SILVEIRA, 1986: 9).

É certo que Roberto Fernández Retamar convidou João Antônio a compor o júri do Prêmio. E também é certo que o conto “Afinação da arte de chutar tampinhas” muito circulou, por meio de traduções, em diversos países e teve mais de uma versão para o espanhol. No entanto, a notícia dessa tradução colide com o rastro deixado nos documentos que mencionam a recepção da obra em Cuba. A considerar a data da notícia, 19 de outubro de 1986, é possível que o jornalista Joel Silveira esteja aludindo à tradução do conto “Milagre chué”, publicado na revista *Casa de las Américas*, na edição de novembro/dezembro de 1986. A tradução cubana de “Afinação da arte de

chutar tampinhas” só sairia em 1991. Se o jornalista nem sempre trabalha com as fontes primárias de documentos, acossado pelo tempo limitado para produzir a notícia, pode incorrer em equívoco que saltará aos olhos do pesquisador. Maria Zilda Cury é quem observa que o acervo se abre “como a um mapa de fronteiras movediças que se oferecem aos traçados propostos pelo crítico” (CURY, 1995: 55-6).

A reconstituição da história das traduções de contos e textos de João Antônio para outros idiomas ampara-se nas informações que acompanham alguns de seus livros, entre os quais, *Leão-de-chácara* (1975), *Dedo-duro* (1982) e *Abraçado ao meu Rancor* (1986). A tradução de “Milagre chué” aparece mencionada em livro posterior a estes assinalados, dado que saiu publicada ao final de 1986, quando *Abraçado ao meu Rancor* já circulava pelas livrarias e cena literária. De acordo com Danilo Ucha,

O novo livro de contos de João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*, ganhou mais dois prêmios nacionais: o Troféu Golfinho de Ouro, no Rio, e o Prêmio Pedro Nava, do Museu de Literatura de São Paulo. O autor acaba de voltar de Cuba, onde participou do júri do Prêmio Internacional Casa de las Américas, e já retomou suas andanças por escolas e instituições culturais, nas quais fala sobre literatura (1987: 10).

Passando a tradução de “Milagre chué”, da lista publicada em *Sete Vezes Rua* (1996), pelo crivo do documento de arquivo, no exemplar da revista cubana que o publicou, verifico que há um registro impreciso do título traduzido como “Milagro harapiento”, mas anotado na lista como “Milagro arapiento”. A constatação leva a uma retomada do sentido de arquivo, que “longe de representar uma cristalização do conhecimento, imobilizando o objeto em um lugar sagrado, requer um pensamento reticular, que estabelece constantemente novas associações e se irradia para sempre mais distantes contextos” (BORDINI, 2005: 18).

A relação de João Antônio com países de língua espanhola antecede a esse encontro com Cuba. Em 1964, o conto “Frio” aparece na *Revista de Cultura Brasileira*, de Madri, em tradução de Santiago Kovadloff. Em 1965, o conto “Busca” foi traduzido pelo argentino Victor Taphanel, publicado no ano seguinte em *Cronicas de América*, seleção e prólogo de Julia Constenla, pela Editora Jorge Alvarez. Em 1969, o conto “Meninão do caixote”, com tradução de Flávio Macedo Soares, passa a ser “El muchacho de cajón”, incluído na antologia *Nuevos Cuentistas Brasileños*, lançada na Venezuela. O conto “Afinação da arte de chutar tampinhas” sai traduzido e

publicado no México, em 1977, e posteriormente na Argentina, em 1978, ambos traduzidos por Victor Taphanel, com título “Perfeccionamiento del arte de chutar chapitas”. Com o título de “Afinación del arte de patear tapitas”, pelo mesmo tradutor, sai publicado novamente em Buenos Aires. Em 1991, reaparece com título de “Perfeccionamiento del arte de chutar chapitas”, em tradução de Virgílio Lopes Lemus, na cidade de Havana. A tomar em conta esse registro, publicado no livro *Sete Vezes Rua* (1996), temos uma leitura preliminar da circulação da obra no âmbito das relações latino-americanas.

Acerca do registro da viagem, como memória ou impressão, o escritor realiza “diversas operações intelectuais e manuais” (MARQUES, 2015: 60) como forma de arquivamento de si. Revela intencionalidade particular ao recusar o relato solicitado por um jornalista, para tempo depois concedê-lo a um coletivo de jornalistas. De acordo com Marques, por ser “construção de intencionalidade ora cambiante ora dissimulada de seu titular, o arquivo do escritor trai a feição de algo construído, manipulado” (2015: 60). O gesto seletivo acontece como se houvesse um destinatário capaz de preservar e suplementar estas memórias.

Por ocasião do retorno ao Brasil, depois da temporada em Cuba, João Antônio escreve uma carta a Fábio Lucas, na qual informa ter recebido convite de Antônio Hohlfeldt, crítico e jornalista gaúcho, para escrever um depoimento sobre a viagem. Alega precisar de tempo de reflexão, que não faz nada na correria (ANTÔNIO, 2004: 102). O depoimento solicitado pelo jornalista não foi localizado, sequer aparece algum registro de que tenha sido concedido. Tudo indica que a ideia teve importância para João Antônio, dada a entrevista concedida meses depois ao jornal *Letras & Artes*, de Brasília, cujas perguntas receberam respostas em forma de depoimento. Ao ser interpelado sobre a experiência na Ilha, João Antônio produz uma memória por meio de um panorama da viagem.

Pela leitura de certas passagens, evidencia-se a tomada de posição do escritor diante do contexto político, cultural e religioso do país, três pontos axiais e controversos do debate sobre a Revolução Cubana. Em decorrência de duas décadas de autogestão e do bloqueio internacional da economia capitaneado pelos Estados

Unidos, João Antônio observa que, embora haja dificuldades econômicas, “não há lá esses paradoxos, essas contradições entre miséria absoluta, mortalidade infantil, desassistência médica, falta de uma escolaridade gratuita e decente, e ao mesmo tempo uma ostentação brutal de uma burguesia enlouquecida” (ANTÔNIO, 1987: 4). Sua leitura acompanha os clássicos testemunhos de intelectuais brasileiros, entre os quais Fernando Morais e Paulo Freire, ambos publicados na edição da revista *Casa de las Américas* dedicada ao Brasil.

Da reiterada campanha antirrevolucionária ao regime cubano, o tema da religião versus ateísmo e marxismo tem longa história e variações. Pois João Antônio, que à época já publicara o conto “Eguns”, de temática relacionada aos terreiros de candomblé de Egun na Bahia, aborda o tema da santeria, que é religião para os cubanos, mostrando que até Fidel e seus comandantes admitiram sua presença em diversas localidades da Ilha: Guanabacoa, Regla, Corrima e Palmira. Nestes lugares, ele conversa com pais de santo, descobrindo que alguns orixás cubanos têm os mesmos nomes dos orixás do candomblé baiano. E arremata a ideia afirmando que “a santeria é tão raiz que até o socialismo teve que abrir alas e deixar passar, porque ela é mais forte” (ANTÔNIO, 1987: 4).

Sobre a questão do posicionamento político em face da obra de arte, de uma possível ditadura estética do realismo socialista, o escritor discorre a partir de conversas com intelectuais cubanos, assinalando que não verifica preocupação de engajamento do escritor em face da fermentação política. João Antônio registra que o contrapeso à questão política é dado pela preocupação estética, pela abertura aos jovens que chegam à busca de serem publicados.

Em “Reminiscências de João Antônio”, como denominou o conjunto de suas cartas ao escritor, Fábio Lucas anota que foi “seu companheiro de viagem a Cuba, em 1987, como jurados do Prêmio Casa de las Américas. Ele já manifestava problemas de circulação sanguínea. O jornalista e escritor Fernando Morais e eu nos encarregamos de carregar a bagagem do companheiro” (ANTÔNIO, 2004: 137). João Antônio não apenas sobreviveu como emendou, no mesmo ano, outra viagem de trabalho, como convidado do DAAD alemão. Em perfil do escritor, Maria Salete Magnoni registra

que “em 1987, depois de integrar o júri Prêmio Casa das Américas, em Cuba, ganha uma bolsa de estudos para passar dois anos em Berlim, cidade onde já havia estado em 1985 proferindo conferências” (MAGNONI, 2000: 622).

Em boa medida, o estudo com base no Acervo João Antônio reatualiza a experiência de viagem como memória e prática literária. Nesse sentido, o arquivo na Universidade favorece a pesquisa e a produção argumentativa documentalmente fundamentada. Todavia, dois documentos não arquivados no acervo possibilitam pôr em destaque o papel significativo da literatura na construção da identidade do escritor.

A literatura de João Antônio sobressai em meio a suas produções de jornalista e palestrante, de intelectual brasileiro e jurado do Prêmio Casa das Américas. Entre os documentos que possibilitam estabelecer relações intertextuais fora do acervo, o catálogo da biblioteca da Casa de las Américas dá mostra da prevalência da obra ficcional no conjunto de seus livros. Em correspondência eletrônica de 07 de dezembro de 2015, Angel González Abreu, diretor da Biblioteca da Casa de Las Américas, envia a relação dos livros de João Antônio pertencentes ao acervo da biblioteca. Informa que é “un fichero adjunto com los documentos de João Antônio con que cuenta la Biblioteca en sus fondos. No conocemos de algún outro con carácter público que se halla archivado o publicado durante este período de tempo”. Na relação de obras, consta a ficha referente à edição cubana do conto “Milagre chué”, entre títulos brasileiros.

Outro documento que comprova a relevância dada a João Antônio pela direção da Casa de las Américas, é uma carta do diretor de imprensa José Ramón Rodrigues Neyra, enviada a João Antônio meses após seu retorno da estada em Havana (La Habana, 22 de julio de 1987). Por meio do jornalista André de Oliveira, presente ao “Encontro sobre Malandragem e Literatura”, ocorrido no dia 29 de outubro de 2014, na Biblioteca Mário de Andrade/São Paulo, tive acesso a uma cópia da carta, trazida quando de sua visita a Cuba.

Neyra escreve para felicitar João Antônio pelos prêmios de *Abraçado ao meu Rancor* (1986). No ano seguinte à publicação, o livro recebeu o Troféu Golfinho de Ouro – melhor livro do ano, no Rio de Janeiro, e o Prêmio Pedro Nava, em São

Paulo. Na carta, refere as atividades da Casa relacionadas ao teatro e dramaturgia, a passagem de escritores latino-americanos e o desejo de iniciar em breve a leitura dos contos. Arremata encarecendo a amizade: “Usted, además de ser nuestro amigo, es un escritor necesario”.

Resta ainda procurar em documentos de arquivo e fora de arquivo outros rastros da viagem a Cuba. Junto às cartas de Fábio Lucas foram reunidas as cartas de Caio Porfírio Carneiro, datadas de 1965 a 1982, que são anteriores ao período da viagem. No referido encontro sobre malandragem e literatura, Caio Porfírio Carneiro e Fernando Paixão, mediados por Bruno Zeni, ampliaram o repertório da figura humana de João Antônio, sem mencionarem as andanças do escritor pela Ilha. Tanto o encontro de homenagem como a mostra e o acervo são espaços constituídos que interessam como fonte. Como afirma Bordini, “toda fonte adquire sua condição por meio de um ato significativo, o de quem a preserva para o futuro, tanto quanto o de quem a recupera para o presente” (2005: 19). Recuperar a viagem de João Antônio é um constructo, cuja exposição escrita se encontra em primeiros passos.

#### TRABALHOS CITADOS

- ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ANTÔNIO, João. *Dedo-duro*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ANTÔNIO, João. Milagro harapiento. Tradução de Manuel Rodriguez Ramos. *Casa de las Américas*, Havana/Cuba, n. 159, p. 88-90, nov.- dez. 1986.
- ANTÔNIO, João. Precisamos acabar com o culto da pouca-vergonha. *Letras & Artes*, Brasília, p. 4-5, jun. 1987.
- ANTÔNIO, João. *Sete vezes rua*. São Paulo: Scipione, 1996.
- ANTÔNIO, João. *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, MG, v. 11, p. 15-23, 2005.
- CASA DE LAS AMÉRICAS. Bases 1983 - Premio Casa de Las Américas. Fundo João Antônio (CEDAP-UNESP, Campus Assis). Série Documentos João Antônio. Caixa 27. Documento 03, 1982.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, W. M. (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995. p. 53-63.

- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DUPONT, Wladir. João Antônio, o bom amigo dos sobreviventes urbanos. *Folha da Tarde*, São Paulo, 20 dez. 1986. p. 22.
- DURANTE MUCHOS años. *Casa de las Américas*, Havana, n. 159, p. 3, nov.- dez., 1986.
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, la genealogía, la historia*. Versión castellana de José Vázquez Pérez. Valencia: Pre-textos, 1997.
- JOÃO ANTÔNIO e suas viagens pelo Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 jan. 1977. Ilustrada, p. 29.
- LUCAS, Fábio. João Antônio. Abraçado ao meu rancor. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 99, p. 137-38, set-out. 1987.
- LUCAS, Fábio. Jacarandá e sua constelação de máscaras. In: ANTÔNIO, João. *Um herói sem paradeiro: vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*. Ilustrações de Juan José Balzi. São Paulo: Atual, 1993.
- MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MAGNONI, Maria Saete. João Antônio: paulista 1937 – 1996. *Caros Amigos*, São Paulo, 2000. Coleção Rebeldes Brasileiros.
- MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário como figura epistemológica. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v.14, n.21, p.13-23, jul.-dez. 2007.
- MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- NEME, Izabel Mano. O arquivo pessoal de João Antônio (1937 – 1996): possibilidades de pesquisa. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 1, n. 1, p. 114-120, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, André de. Um cadinho de história: lembranças da revista infantil ‘O Crisol’, criada por Homero Mazarem Brum na década de 1940. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 jun. 2014. p. D10.
- PRÊMIOS para Autran e Callado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 set. 1982. p. 19.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papirus Editora, 1997.t.3.
- SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.
- SILVEIRA, Joel. Vai-e-vem. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 19 out. 1986.
- UCHA, Danilo. Livros. *ZH Cultura*, Porto Alegre, 10 jul. 1987. p.10.
- ZILBERMAN, Regina. João Antônio: contos, com velhos heróis. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 30 ago. 1986.

**Wagner Coriolano de Abreu** é doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente realiza estágio pós-doutoral junto ao Programa de Doutorado da Associação Ampla UCS/UNIRITTER, com participação em grupo de pesquisa e docência na pós-graduação. Sua área de pesquisa é Literatura Brasileira, com estudos específicos sobre experiência urbana na prosa de ficção e no teatro contemporâneo. Além de artigos em periódicos especializados, publicou na coletânea *Na esquina do tempo: 100 anos com Mário Quintana* (EDUCS, 2006) e em *O verso do averso: teoria, crítica e literaturas africanas* (Nova Harmonia, 2011). É autor do livro *Quando o teatro encena a cadeia* (Editora Unisinos, 2001) e *Sempre aos pares* (Carta Editora, 2012).

Artigo recebido em 18/11/2016. Aprovado em 23/11/2016.